

**ELITE**  
**PRÉ-VESTIBULAR**  
**c a m p i n a s**

**ELITE RESOLVE**  
**UNICAMP 2007**  
**2ª FASE**

**LÍNGUA**  
**PORTUGUESA**

**[www.elitecampinas.com.br](http://www.elitecampinas.com.br)**  
**(19) 3251 1012**

**LÍNGUA PORTUGUESA**

**QUESTÃO 1**

Matte a vontade. Matte Leão.

Este enunciado faz parte de uma propaganda afixada em lugares nos quais se vende o chá Matte Leão. Observe as construções abaixo, feitas a partir do enunciado em questão:

Matte à vontade.

Mate a vontade.

Mate à vontade.

a) Complete cada uma das construções acima com palavras ou expressões que explicitem as leituras possíveis relacionadas à propaganda.

b) Retome a propaganda e explique o seu funcionamento, explicitando as relações morfológicas, sintáticas e semânticas envolvidas.

**Resolução**

a) Tome Matte à vontade, quanto mais, melhor!

(neste item, a expressão indica que o leitor pode tomar quanto Matte quiser);

Mate a vontade que o martiriza.

(esta frase sugere ao leitor que realize seu desejo);

Mate à vontade, responsabilidade sua!

(neste item, a sugestão é de matar, referindo-se a provocar a morte de um ser vivo).

b) O nome “Matte”, empregado como um substantivo próprio, denota a marca do produto; na forma conotativa, assume o valor morfossintático verbal, correspondendo à ação de matar, representada por um verbo transitivo direto, este no sentido de acabar, concluir, ansiar, completar algo que é de seu gosto ou de sua ansiedade, complementado por seu objeto direto, “a vontade”.

No caso da propaganda, corresponde especificamente ao sentido de consumir o produto, que é o chá Matte Leão, o que é explicitado pela retomada (Matte Leão.), feita com o intuito de reforçar esta idéia.

**QUESTÃO 2**

HAGAR – Dik Browne



a) O que produz a ironia nessa tira de Hagar?

b) Como você interpreta a resposta de Hagar, no segundo quadrinho da tira? Justifique.

**Resolução**

a) Embora Hagar afirme que boas maneiras à mesa são importantes (“Claro!...”), sua justificativa (a possibilidade de um dia jantar com o Rei da Inglaterra) leva à conclusão oposta.

b) Hagar admite que as boas maneiras não são tão necessárias, no entanto, não quer se responsabilizar por dizer isso ao menino, uma vez que, provavelmente, a mãe deste tenha lhe dado orientação oposta.

**QUESTÃO 3**

O Caderno “Aliás Debate” do *Estado de S.Paulo*, de 18/08/2006, apresenta uma matéria com o título: “Nas frestas e brechas da segurança”. A matéria se inicia com o seguinte trecho:

“Estamos nas frestas, procurando as brechas”. Esta boa frase, que circulou em manifesto atribuído ao PCC e ao seu líder (...), Marcola, resume bem o que pretende a organização criminosa que vem atacando a maior cidade brasileira”. (p. 2)

a) Como você interpreta ‘frestas’ e ‘brechas’ em “Estamos nas frestas, procurando as brechas”?

b) Levando em consideração que “Nas frestas e nas brechas da segurança” é o título da matéria, como você interpreta esse enunciado comparando-o à frase atribuída a Marcola?

**Resolução**

a) Atribui-se a “frestas” o sentido de estar escondido, à espreita de algum acontecimento e, na gíria, ao famoso “estar na moita”; a “brechas”, o sentido de oportunidade para a realização de algo, no caso, as oportunidades seriam falhas na segurança.

b) A correlação de sentido entre o título e a frase de Marcola corresponde à fragilidade existente no próprio sistema de segurança pública, que não possui meios de garantir à sociedade aquilo que é de seu direito, ou seja, a segurança, dado que a segurança está fadada a falhas (frestas), a partir das quais o comando do PCC se aproveita, repentinamente (brechas) para realizar seus intentos ilícitos.

**QUESTÃO 4**

Em 7 de agosto de 2006, foi publicada, no jornal *Correio Popular* de Campinas, a seguinte carta:

*Li reportagem no jornal e me surpreendi, pois moro próximo ao local de infestação de carrapatos-estrela no Jardim Eulina, e sei que existem muitas capivaras, mesmo dentro da área militar. Surpreendi-me ainda ao saber que vão esperar o laudo daqui a 15 dias para saber por que ou do que as pessoas morreram. Gente, saúde pública é coisa séria! Não seria o caso de remanejar esses bichos imediatamente, como prevenção, uma vez que estão em zona urbana? (Carrapatos, M., M.).*

a) Na carta acima, a que se refere a expressão “esses bichos”? Justifique.

b) A compreensão da carta pode ser dificultada porque há nela vários implícitos. Aponte duas passagens do texto em que isso ocorre e explique.

c) Que palavra da carta justifica a referência à “saúde pública”?

**Resolução**

a) A expressão “esses bichos” é forma anafórica, que se refere a capivaras, pois são estas os animais que constituem o habitat dos carrapatos.

b) “...que vão esperar o laudo...”: esta expressão caracteriza a existência de uma ambigüidade semântica, dado que não foi explicitado o termo de referência com o qual deve corresponder a locução “vão esperar”, sendo possível, portanto, questionar: as pessoas, os moradores daquele bairro, as capivaras, os carrapatos, as autoridades?

“sei que existem muitas capivaras”: esta expressão, para o leigo, também pode causar dificuldades na interpretação, pois se não souber que as capivaras são animais que hospedam os carrapatos, certamente questionarão a relação entre esses animais e os carrapatos.

c) A referência à saúde pública pode ser justificada por várias palavras: “laudo” (em razão da sua demora para que sejam tomadas as providências relativas ao surto); “infestação” (a causa da morte de pessoas); “prevenção” (uma prática comum em saúde pública). Até mesmo a expressão “pessoas morreram” poderia justificar a referência à saúde pública, no contexto. Observa-se, portanto, uma questão cuja formulação gera controvérsias.

**QUESTÃO 5**

Em 26 de outubro de 2006, um jornal de S.Paulo veiculou a seguinte propaganda:

“Se no Brasil ninguém paga caro por mentir, por que você vai pagar caro pela verdade? Assine o Jornal X a partir de R\$ XX,XX.”

a) A propaganda explora dois sentidos de “pagar caro”. Quais?

b) A propaganda procura construir certas imagens para o jornal. Quais?

c) Para construir essas imagens, a propaganda torna natural uma imagem estereotipada do Brasil. Comente a importância da construção sintática “se (...), por que (...)” e do pronome ‘ninguém’ nesse processo.

**Resolução**

a) A expressão “pagar caro”, denotativamente, corresponde ao ato de alguém dispor de vultosa quantia, a fim de quitar alguma obrigação; conotativamente, significa a responsabilidade imposta a título de punição por algo realizado de maneira indevida.

b) Depreende-se do texto que o referido jornal tenta através da propaganda construir uma imagem de um jornal de:

- **baixo custo**, sendo assim um meio de comunicação e informação acessível à massa;
- um veículo cujas **informações** são **verdadeiras e imparciais**.

c) A partícula “se” seguida do “por que” estão em uma construção que denota causa e consequência:

**causa:** no Brasil impera a corrupção e a impunidade;

**consequência:** qual motivo justificaria (dúvida – por que) alguém dispor de valor alto (pagar caro) para adquirir alguma coisa (verdade)? Neste contexto, o termo “ninguém” é um termo generalizante e significa a generalidade atribuída à sociedade.

**QUESTÃO 6**

O trecho abaixo (**texto 1**), extraído de um artigo publicado no caderno “VIDA&” do *Estado de S.Paulo*, de 18 de agosto de 2006, aborda uma questão polêmica relacionada à ética médica. Esse artigo inclui dois excertos: um do **Código de Ética Médica (texto 2)** e uma **Resolução do Conselho Federal de Medicina (texto 3)**.

**Texto 1**

“(…) médicos de todo o País distribuem aos pacientes cupons que dão descontos na compra de produtos farmacêuticos. Os cupons são feitos pelos próprios laboratórios.

A (empresa X), por exemplo, distribui cupons que dão 80% de desconto na compra de uma loção cicatrizante. A (empresa Y) criou um cartão de fidelidade que garante descontos de até 50% na compra de medicamentos para doenças crônicas, como diabetes e asma. Os dois laboratórios firmaram convênios com diversas farmácias no Brasil. (...)

O cupom da empresa X, por exemplo, não tem valor sem o carimbo, a assinatura e o registro do médico no Conselho de Medicina. No caso da empresa Y, o cartão definitivo só é dado depois que o médico fornece ao cliente um provisório. (...)

**O que dizem as normas:**

- **(Texto 2) Código de Ética Médica:** O artigo 98 afirma que é vedado ao médico “exercer a profissão com interação ou dependência de farmácia, laboratório ou qualquer organização destinada à fabricação, manipulação ou comercialização de produtos de prescrição médica de qualquer natureza (...)”.
- **(Texto 3) Resolução 1595 do Conselho Federal de Medicina:** Considerando que “o trabalho do médico não pode ser explorado por terceiros com objetivo de lucro”, o CFM proíbe “a vinculação da prescrição médica ao recebimento de vantagens materiais oferecidas por agentes econômicos interessados na comercialização de produtos farmacêuticos ou equipamentos de uso na área médica”.

a) As posições expressas nos textos 2 e 3 são semelhantes? Responda sim ou não e justifique.

b) A situação descrita no texto 1 fere as normas apresentadas nos textos 2 e 3? Responda sim ou não e justifique.

**Resolução**

a) Sim, pois o primeiro veta a interação entre médicos e farmácias ou laboratórios e, sendo as farmácias e laboratórios instituições com fins de lucro, ao afirmar “o trabalho do médico não pode ser explorado por terceiros com objetivo de lucro”, o segundo texto tem o mesmo sentido, embora este último seja mais específico ao proibir “a vinculação da prescrição médica ao recebimento de vantagens materiais”, o que é dito apenas de forma mais genérica no primeiro texto.

b) Sim, pois a distribuição de cupons é uma forma de obter vantagens, uma vez que, para isso, os médicos precisam interagir diretamente com os agentes farmacêuticos ou com quaisquer organizações destinadas à fabricação de produtos médico-hospitalares (artigo 98, Código de Ética Médica), além de corroborar com terceiros, dessa forma, para obter lucros com as prescrições destinadas aos pacientes (Res. 1595, CFM).

**QUESTÃO 7**

O trecho abaixo foi extraído de *Iracema*. Ele reproduz a reação e as últimas palavras de Batuiretê antes de morrer:

“O velho soabriu as pesadas pálpebras e passou do neto ao estrangeiro um olhar baço. Depois o peito arquejou e os lábios murmuraram:

— *Tupã quis que estes olhos vissem antes de se apagarem, o gavião branco junto da narceja.*

*O abaeeté derrubou a fronte aos peitos, e não falou mais, nem mais se moveu.*”

(José de Alencar, *Iracema: lenda do Ceará*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1965, p. 171-172)

- Quem é Batuiretê?
- Identifique os personagens a quem ele se dirige e indique os papéis que desempenham no romance.
- Explique o sentido da metáfora empregada por Batuiretê em sua fala.

**Resolução**

a) Na verdade, a grafia usada nas edições atuais termina em vogal aberta “Batuiretê”. Nome este que, em língua indígena, significa “grande nadador”. Ele fora o grande chefe dos *Pitiguaras* antes que tal posto passasse a ser ocupado por seu filho Jatobá.

b) Os outros personagens mencionados no trecho são: Poti (neto de Batuiretê) e Martim, que no trecho é referido como “estrangeiro”. Martim, um dos protagonistas da obra, é um *guerreiro* português. Ele engravida Iracema (desrespeitando o tabu da virgindade que ela mantinha por motivos rituais). Poti, por sua vez, é um guerreiro *pitiguara*. Grande amigo de Martim, ao lado do qual passa por muitos combates.

c) Segundo a metáfora empregada na fala de Batuiretê, foi pela vontade de uma divindade, Tupã, que os olhos do velho puderam contemplar um homem branco, Martim (*o gavião branco*) junto de um nativo, Poti (*a narceja*).

**Observação:** Trata-se de uma questão difícil, pois o aluno precisaria deduzir que o estrangeiro referido no trecho é Martim; lembrar-se do nome de Poti e, por fim, deduzir (por contraste em relação a “gavião branco”) que o termo “narceja” representa uma ave nativa.

**QUESTÃO 8**

Leia a passagem abaixo de *Dom Casmurro*:

“Se eu não olhasse para Ezequiel, é provável que não estivesse aqui escrevendo este livro, porque o meu primeiro ímpeto foi correr ao café e bebê-lo. Cheguei a pegar na xícara, mas o pequeno beijava-me a mão como de costume, e a vista dele, como o gesto, deu-me outro impulso que me custa dizer aqui; mas va lá, diga-se tudo. Chamem-me embora assassino; não serei eu que os desdiga ou contradiga; o meu segundo impulso foi criminoso. Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café.”

(Machado de Assis, *Dom Casmurro* em *Obra Completa*. Vol 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p. 936.)

- Explique o “primeiro ímpeto” mencionado pelo narrador.
- Por que o narrador admite que seu “segundo impulso” foi criminoso?
- O episódio da xícara de café está diretamente relacionado com a redação do livro de memórias de Bento Santiago. Por quê?

**Resolução**

a) Segundo o sentido dessa fala, o primeiro ímpeto de Bento foi suicidar-se. Afinal, o café estava envenenado.

b) Porque naquele contexto, seu “segundo impulso” de oferecer o café representava tentar um homicídio de uma criança bastante indefesa.

c) Porque, a certa altura, Bento passa a ver o menino Ezequiel como uma espécie de “pretensa confirmação” de que sua esposa Capitu o traía com seu suposto amigo Escobar. Afinal, Bento tem a impressão de que o menino a cada dia se tornava mais parecido com Escobar. Tendo em vista que essa “desconfiança” é uma das temáticas principais da obra, é possível aceitar a relação sugerida no enunciado do **item c**. Cumpre ressaltar que o termo *diretamente* empregado no enunciado é inadequado porque tal relação pressupõe um trabalho interpretativo, e definitivamente não é ‘direto’.

**QUESTÃO 9**

O poema abaixo pertence ao livro *A rosa do povo* (1945):

**Cidade prevista**

Irmãos, cantai esse mundo  
que não verei, mas virá  
um dia, dentro em mil anos,  
talvez mais... não tenho pressa.  
Um mundo enfim ordenado,  
uma pátria sem fronteiras,  
sem leis e regulamentos,  
uma terra sem bandeiras,  
sem igrejas nem quartéis,  
sem dor, sem febre, sem ouro,  
um jeito só de viver,  
mas nesse jeito a variedade,  
a multiplicidade toda  
que há dentro de cada um.  
Uma cidade sem portas,  
de casas sem armadilha,  
um país de riso e glória  
como nunca houve nenhum.  
Este país não é meu  
nem vosso ainda, poetas.  
Mas ele será um dia  
o país de todo homem.

(Carlos Drummond de Andrade, *A rosa do povo*, em *Poesia e prosa*.  
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p. 158-159.)

- a) A quem se dirige o eu lírico e com que finalidade?
- b) A que "cidade" se refere o título do poema e como ela é representada?
- c) Que características centrais de *A Rosa do Povo* se encontram nesse poema?

**Resolução**

a) o eu-lírico se dirige aos homens de um tempo por vir, mais especificamente aos poetas que lhe sucederem. O eu-lírico se dirige a eles com a finalidade de solicitar-lhes que cantem esse tempo futuro. Embora admita que não poderá ver esse tempo, o eu-lírico apresenta suas expectativas/previsões em relação a ele: que a sociedade terá resolvido seus impasses e atingido um estado evoluído no qual, embora se atinja uma perfeita ordenação (v.5), os homens não deixem de celebrar a liberdade (vs. 6-10; 13-17 e 23).

b) No caso específico desse texto Drummond não se refere a nenhuma cidade em particular. Trata-se, na verdade, de um espaço utópico. Semanticamente, tal "cidade" aproxima-se da Passargada eternizada nos versos de Manuel Bandeira. Vale esclarecer que em alguns outros poemas do livro "A Rosa do Povo", o autor menciona cidades como Moscou e Stalingrado. Embora tais cidades tenham uma importância crucial para o contexto histórico em que o livro foi publicado é importante que se diga que o autor concebe tais espaços como palco para a construção de uma sociedade mais pacífica, igualitária e, sobretudo mais libertária.

c) Podemos identificar no poema um sentimento muito particular construído por Drummond em "A Rosa do Povo" que é um certo *otimismo* que ele se auto-impõe. Tal postura só pode ser corretamente compreendida se relacionada ao exato momento em que os poemas foram elaborados: pouco após a derrota de Hitler. Nesse contexto, a questão central para o autor é celebrar a vitória sobre as pretensões imperialistas da Alemanha hitlerista. Daí a ênfase dada na *liberdade*. Observe-se, por exemplo, que os versos abaixo podem ser lidos como uma refutação a noções como o "totalitarismo" e o "arianismo":  
*sem dor, sem febre, sem ouro, um jeito só de viver, mas nesse jeito a variedade, a multiplicidade toda/que há dentro de cada um.*

**QUESTÃO 10**

Leia a seguinte passagem de "A hora e a vez de Augusto Matraga":  
*"O casal de pretos, que moravam junto com ele, era quem mandava e desmandava na casa, não trabalhando um nada e vivendo no estãdão. Mas, ele, tinham-no visto mourejar até dentro da noite de Deus, quando havia luar claro.*

*Nos domingos, tinha o seu gosto de tomar descanso: batendo mato, o dia inteiro, sem sossego, sem espingarda nenhuma e nem nenhuma arma para caçar; e, de tardinha, fazendo parte com as velhas corocas*

*que rezavam o terço ou os meses dos santos. Mas fugia às léguas de viola ou sanfona, ou de qualquer outra qualidade de música que escuma tristezas no coração."*

(João Guimarães Rosa, "A hora e a vez de Augusto Matraga", em Sagarana. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1984, p.359.)

- a) Identifique o casal que vive junto com o protagonista da narrativa.
- b) Explique o comportamento do protagonista no trecho acima, confrontando-o com sua trajetória de vida.
- c) O que há de contraditório no descanso dominical a que o narrador se refere?

**Resolução**

a) O casal de pretos referido no trecho é formado por mãe Quitéria e pai Serapião. Eles cuidam de Matraga após ele ter sido vítima de uma emboscada.

b) Nho Augusto Matraga levava uma vida desregrada. Era um valentão e comportava-se de modo egoísta. A certa altura ocorre uma reviravolta (é abandonado pela esposa, pela filha e pelos capangas que trabalhavam para ele. E, por fim sofre a emboscada que quase o leva a morte). Portanto, a humildade e a dedicação ao trabalho que se verifica no trecho contrasta muito com o comportamento que Matraga tinha ao início da narrativa. Tal mudança de atitude se dá com o claro propósito de se redimir. Segundo a orientação que recebe de um padre ele precisaria trabalhar e mostrar-se humilde para alcançar a graça do perdão divino.

**NOTA:** Vale esclarecer que este é um dos textos de Guimarães Rosa que mais claramente expressam certas noções do cristianismo como: *penitência, redenção e perdão*. Trata-se de uma verdadeira penitência, cf. "Quem se humilha, será exaltado, e quem se exalta, será humilhado" (Lc 18, 14)

Segundo tal doutrina, Os atos do penitente são "um exame de consciência; a contrição (ou arrependimento), que é perfeita, quando é motivada pelo amor a Deus, e imperfeita, se fundada sobre outros motivos, e que inclui o propósito de não mais pecar; a confissão, que consiste na acusação dos pecados feita diante do sacerdote; a **satisfação**, ou seja, o cumprimento de certos atos de penitência, que o confessor impõe ao penitente para reparar o dano causado pelo pecado."

Perceba-se que Matraga segue à risca tais preceitos, inclusive a **satisfação**.

c) O trecho "batendo mato, o dia inteiro, sem sossego" não se relaciona de modo coerente com a idéia de "tomar descanso". Afinal, o trecho sugere trabalho ao invés de descanso.

**QUESTÃO 11**

Leia o diálogo abaixo, de *Auto da Barca do Inferno*:

**DIABO**

Cavaleiros, vós passais  
e não perguntais onde is?

**CAVALEIRO**

Vós, Satanás, presumis?  
Atentai com quem falais!

**OUTRO CAVALEIRO**

Vós que nos demandais?  
Siquer conhecê-nos bem.  
Morremos nas partes d'além,  
E não queriais saber mais.

(Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, em *Antologia do Teatro de Gil Vicente*. Org. Cleonice Berardinelli, Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Brasília: INL, 1984, p.89.)

- a) Por que o cavaleiro chama a atenção do Diabo?
- b) Onde e como morreram os dois cavaleiros?
- c) Por que os dois passam pelo Diabo sem se dirigir a ele?

**Resolução**

a) Primeiramente, deve ser observado que o enunciado para o **item a** é ambíguo. Afinal, **chamar a atenção** pode significar tanto "despertar a atenção" como também "repreender". Admitindo-se que seja mais provável que o sentido pretendido pelo examinador seja esse último teríamos como resposta:

Um dos cavaleiros repreende o *diabo* porque não considera que o *diabo* tenha o direito de interrogá-los (a ele e aos outros três\* que com ele se encontram).

\* Obs: Vale esclarecer que embora o trecho apresentado na questão e os enunciados dos itens **b** e **c** mencionem apenas dois cavaleiros, conforme a *rubrica* da cena da qual o trecho foi extraído, os cavaleiros são quatro.

b) Conforme a rubrica (não apresentada pela prova), os quatro cavaleiros cruzados morreram em poder dos mouros (*nas partes d'além*, conforme o texto estabelecido por Segismundo Spina para Ateliê Editorial e também conforme a edição citada na prova da Unicamp. Vale mencionar que noutra importante edição, dos Clássicos Agir, o verso é assim apresentado *nas partes d'África*).

c) De acordo com o funcionamento alegórico do teatro vicentino, a cena sugere que os que morrem em defesa da *lei de cristo* não devem satisfação ou explicação ao diabo. Os cavaleiros, portanto, estariam convictos de seu destino – a *barca da glória*. Isso chega a ser mencionado na própria cena da qual o trecho foi extraído, na seguinte fala: *Quem morre por Jesus Cristo/não vai em tal barca como essa* (em referência à barca do Inferno).

## QUESTÃO 12

Os versos abaixo pertencem a *O guardador de rebanhos*:

O que nós vemos das coisas são as coisas.  
Por que veríamos nós uma coisa se houvesse outra?  
Por que é que ver e ouvir seriam iludirmo-nos  
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,  
Saber ver sem estar a pensar,  
Saber ver quando se vê  
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!),  
Isso exige um estudo profundo,  
Uma aprendizagem de desaprender  
E uma seqüestração na liberdade daquele convento  
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas  
E as flores as penitentes convictas de um só dia,  
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas  
Nem as flores senão flores,  
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.

(Alberto Caeiro, *O guardador de rebanhos*, em Fernando Pessoa, *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983, p. 151-152.)

a) Um dos principais recursos retóricos empregados na poesia de Alberto Caeiro é a *tautologia*. Identifique um exemplo desse recurso e explique como relaciona com a visão de mundo de Alberto Caeiro.

b) Qual o sentido da metáfora empregada entre parênteses?

c) Explique o sentido do paradoxo presente no 3º verso da 3ª estrofe.

## Resolução

a) Sabendo-se que *tautologia* é uma proposição dada como explicação ou como prova, mas que, na realidade, apenas repete o que foi dito, vemos nos versos “Por que é que ver e ouvir seriam iludirmo-nos / Se ver e ouvir são ver e ouvir?” um exemplo bastante claro desse recurso utilizado por Alberto Caeiro. Percebe-se que, através dessa tautologia, a fala poética de Caeiro exhibe a sua visão de mundo de remeter as coisas a elas mesmas, de proclamar o retorno à sensação imediata das coisas.

b) A metáfora “alma vestida” remete ao ‘problema’ que carregamos conosco (tristes de nós) de não termos uma ‘alma nua’, uma alma que é apenas alma, segundo a própria filosofia de Caeiro. Nossa alma é vestida – por nossas experiências, nossa cultura, nossas crenças – não é mais original, não é mais apenas ‘alma’. No contexto do poema, é essa ‘alma vestida’ que vai dificultar um novo posicionamento frente ao mundo para, assim, poder enxergá-lo apenas como é, através do ‘estudo profundo de aprender a desaprender’ os valores já existentes.

c) O paradoxo “aprendizagem de desaprender” significa, no contexto do poema, que é necessário um estudo profundo para ‘aprender a desaprender o já aprendido’, ou seja, aprender a viver de forma diferente da que se vive, a despir-se da própria cultura e da própria experiência; de acordo com o poema, aprender a ver sem pensar, enxergar as flores apenas como flores e as estrelas apenas como estrelas, não como as metáforas criadas pelos poetas.